

Estratégias linguísticas de profissionais do sexo de Belo Horizonte: um estudo sobre polidez negativa¹

Les stratégies linguistiques de prostituées à Belo Horizonte : une étude sur la politesse négative

Gilmar Bueno SANTOS*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG/BRASIL

RESUMO

Este estudo tem por objetivo desvelar as estratégias linguísticas de prostitutas que trabalham na Avenida Afonso Pena, região centro-sul de Belo Horizonte. Buscou-se analisar quais elementos contribuíram para a promoção da polidez negativa e a relação estabelecida entre estes para com o contexto social em que as prostitutas estavam inseridas, dando voz às atrizes sociais. A partir dos dados obtidos, observou-se que o estilo interativo dessas prostitutas se pautou, de forma significativa, por um lado, em agregar elementos que consideram positivos para o exercício da prostituição e, por outro, em se desvencilhar de estigmas.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias linguísticas. Profissionais do sexo. Polidez negativa.

¹ Os dados analisados no presente artigo constituem o *corpus* da tese de doutorado defendida em meados de 2012 e intitulada *O Estilo Interativo das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte: um Estudo sobre Estratégias Linguísticas*, sob orientação da Profa. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes. * Sobre o autor ver página 354.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à révéler les stratégies linguistiques des prostituées qui travaillent à l'avenue Afonso Pena, dans la région centre-sud de Belo Horizonte. Nous avons cherché à analyser les facteurs qui ont contribué à la promotion de la politesse négative et la relation établie entre eux à compte-tenu du contexte social dans lequel les prostituées ont été insérées, donnant la parole aux actrices sociales. D'après les données obtenues, nous observons que le style interactif de ces prostituées a été basé, de manière significative, d'une part, en ajoutant des éléments qu'elles considèrent positifs pour l'exercice de la prostitution et, d'autre part, en débarrasser des stigmates.

MOTS-CLÉS: Stratégies linguistiques. Prostituées. Politesse négative.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo identificar e analisar as estratégias linguísticas, balizando-se em aspectos que permeiam a construção da polidez negativa, a partir de entrevistas realizadas com algumas profissionais do sexo², que trabalham na Avenida Afonso Pena, região centro-sul de Belo Horizonte.

As contribuições teóricas dos Estudos Linguísticos são fundamentais para o estudo da conversação como uma manifestação textual marcada por elementos que sinalizam sua construção colaborativa, como também para o exame das peculiaridades da comunidade discursiva das profissionais do sexo.

Nas sessões seguintes, apresentaremos algumas considerações sobre os pressupostos teóricos da Análise da Conversação, da interação verbal face a face, sobre o desenvolvimento histórico da prostituição em contexto brasileiro e, por conseguinte, as análises das estratégias linguísticas, veiculadas no discurso das profissionais do sexo, que propiciam o estabelecimento da polidez negativa.

² Neste trabalho são adotados como sinônimos os termos prostituta e profissional do sexo.

2 Análise da Conversação e estratégias de polidez negativa

A escolha do tópico desse trabalho, ora apresentado, motiva-se pela carência de descrição dos elementos presentes no estilo interativo das profissionais do sexo de Belo Horizonte. Outro fator relevante é a descrição de como as estratégias linguísticas influenciam os processos interacionais, haja vista sua importância para a compreensão da integração entre construção da identidade social e conduta social do indivíduo.

Ao lado dessas considerações, torna-se preponderante mencionar a tentativa de se estabelecer um trabalho que visa, por meio do discurso, a desvelar a complexidade das relações humanas, tendo como ponto de partida as estratégias linguísticas de um grupo de mulheres. Justifica-se, portanto, propor como objetivos a análise do discurso de profissionais do sexo e a investigação dos fatores que subjazem a sua produção. Numa dimensão mais ampla, este estudo pretende contribuir para futuras pesquisas e, assim, fornecer subsídios teóricos para a elaboração de uma definição teórica sobre as estratégias linguísticas utilizadas pelas prostitutas em seus turnos conversacionais.

A Análise da Conversação está direcionada para investigações empíricas acerca das ações sociais cotidianas de troca conversacional nas quais os interlocutores estão engajados, delineando fatores subjacentes à interação com intuito de apreender a construção recíproca dos processos de troca conversacional imbricadas no e pelo discurso. Neste artigo adota-se a perspectiva da Análise da Conversação na qualidade de abordagem discursiva e o discurso oral a ser analisado como troca conversacional, interativo, sequencial, intencional, produzido e condicionado contextualmente.

Por conseguinte, acreditamos ser pertinente, para se desvelar aspectos inerentes à relação entre linguagem e interação, realizarmos a identificação e análise de alguns recursos linguísticos presentes nas produções orais das profissionais do sexo, que estabelecem relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores, dentre eles os marcadores conversacionais.

Existem muitas terminologias para os Marcadores Conversacionais (doravante MCs): frases de reparo, conectores do discurso, operadores de discurso, partículas do discurso, dispositivos de sinalização do discurso, conectores fáticos, conectores pragmáticos, termos pragmáticos, marcadores pragmáticos, operadores pragmáticos, partículas pragmáticas, conectores de frase (FRASER, 1999). Dentre outros, por exemplo, marcadores retóricos, conectores argumentativos, os conectores interativos, introdutórios do discurso etc. Os MCs podem ser produzidos pelo falante e pelo ouvinte, podem aparecer no início, meio ou final de unidades linguísticas. Em suma, os marcadores estão relacionados a processos cognitivos de produção de fala, ligam as partes do texto, mostram a posição do falante em relação ao enunciado e estabelecem uma relação interativa entre os interlocutores, funcionando como estratégias de negociação nas relações e papéis sociais.

Partindo-se da premissa de que o processo interacional necessita da linguagem, seja oral, escrita, verbal ou não verbal para se estabelecer, nota-se que os marcadores são elementos importantes na estrutura organizacional da conversação como, por exemplo, na abertura, fechamento e troca de turnos, na escolha de tópicos etc. Portanto, os MCs funcionam como palavras e expressões, mais ou menos fixas, características da fala espontânea e que funcionam como organizadores da interação oral (MARCUSCHI, 1986).

No que diz respeito aos pressupostos teóricos acerca da interação face a face, Goffman (1967) argumenta que se tem uma situação social quando dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e seus atos são regidos por regras culturais específicas, podendo ser observados por todos os presentes. Em suma, uma interação face a face é um encontro social. O autor supracitado afirma que, em uma conversa, os participantes se apresentam uns aos outros por meio de um padrão comportamental que revela sua visão acerca do tema em debate, da situação comunicativa, dos participantes da interação e de si mesmos como seres sociais. E por isso, entende-se que as atitudes comunicativas adotadas são permeadas por significação social, isto é, estão intrinsecamente ligadas ao comportamento adotado.

O termo face refere-se ao valor social que um indivíduo clama para si a partir da avaliação social da linha de conduta ou do comportamento adotado, ou seja, a imagem social sustentada pelos julgamentos e evidências conhecidos pelos outros participantes da interação (GOFFMAN, 1967). O tipo de face de um indivíduo faz parte de um construto socialmente estabelecido, ou seja, a expressão social de seu “eu” individual.

Segundo a Teoria da Polidez Linguística proposta por Brown e Levinson (1987), a maior parte dos atos de linguagem produz certos efeitos sobre a face dos participantes de uma interação e podem ser ameaçadores como, por exemplo, a crítica, a desaprovação etc. Essa teoria postula que todo indivíduo é movido pelo desejo de preservar seu “território” (corporal, material, espacial, temporal ou mental) e sua “face”, pois intenta gerar boa impressão durante o evento interacional. De acordo com Goffman (1967), “perder a face” significa causar má impressão, enquanto “salvar a face” está relacionado ao processo em que o indivíduo se sai bem ao dar a impressão de que não “perdeu a face”. Brown e Levinson (1987) distinguem dois aspectos complementares da autoimagem construída socialmente: a face positiva e a face negativa. A face positiva reflete o desejo de aprovação e reconhecimento dos anseios do indivíduo, ou seja, desejo de que estes sejam compartilhados pelo próximo. A face negativa refere-se ao desejo de não imposição ou à reserva do território pessoal.

Assim, em uma interação os participantes buscam defender a própria face, bem como a do outro, o que propicia o estabelecimento de um equilíbrio entre essas perspectivas. Cada interlocutor adota a estratégia mais adequada ou compensatória para ele, de acordo com as circunstâncias subjacentes ao ato a ser realizado. As diversas situações interacionais podem gerar conflitos e, conseqüentemente, ameaçar a imagem pública tanto do falante quanto do seu interlocutor. Tal ameaça é denominada por Brown e Levinson (1987) como ações que ameaçam a imagem pública (*face-threatening acts*).

Nesse contexto, o papel exercido pela polidez é extremamente importante, pois é concebida como fruto da necessidade humana de

manter o equilíbrio nas relações interpessoais e, sua manifestação externa seria o conjunto de estratégias linguísticas que podem ser utilizadas pelo falante para evitar ou amenizar conflitos com o seu interlocutor quando os interesses de ambos não coincidem (BROWN; LEVINSON, 1987).

A polidez negativa como estratégia de trabalho de face volta-se para a face negativa do ouvinte. O falante, ao fazer uso dessa estratégia, de certa forma, assegura o reconhecimento e o respeito aos anseios da face negativa do ouvinte. As categorias mencionadas por Brown e Levinson (1987) para a polidez negativa são: seja direto; não presume; não pressione o ouvinte; comunique o desejo do falante de não impingir nada ao ouvinte; atenda a outros anseios do ouvinte que derivem de sua face negativa. Valério (2003) afirma que o uso de tais estratégias favorece o estabelecimento de uma atmosfera emocional que prima pelo comedimento, isto é, não deve servir de veículo para as emoções, uma vez que estas precisam ser contidas para não causar embaraço.

O panorama exposto nesta seção evidencia que os marcadores são elementos que fazem parte da estrutura esquemática de qualquer conversação típica de um sistema linguístico, sendo, também, determinados por convenções próprias das interações orais. Significativamente, a utilização dos marcadores pelos interlocutores está relacionada às estratégias linguísticas de gerenciamento do turno conversacional.

Na próxima seção apresentaremos, sob um viés contextualizado, breves considerações acerca do desenvolvimento histórico da prostituição para que possamos perceber como a prostituição é um fenômeno social extremamente complexo e ligado à economia, à saúde, ao trabalho, à sexualidade, à moral e às relações de gênero.

3 Breves considerações acerca da prostituição

Entre os séculos XIX e XXI, a prostituição no Brasil foi marcada por importantes fatores como, por exemplo, o discurso médico acerca de suas causas e consequências e a organização das prostitutas em busca de

seus direitos civis. Em relação às publicações médicas no Brasil, observa-se a grande influência das medidas higienistas produzidas na Europa, as quais abordavam a prostituição como doença, perversão e degeneração física. Havia dois princípios norteadores para estas publicações: o regulamentarismo e o abolicionismo.

Com a intenção de normatizar a prostituição, os médicos regulamentaristas propunham a necessidade de visitas para fiscalizar os bordéis e examinar as prostitutas, o cadastramento destas mulheres e a internação em hospitais caso estivessem doentes. Engel (1989, p. 38-39) afirma que os médicos, inseridos na categoria dos profissionais liberais estabelecidos no Rio de Janeiro, apresentavam-se como um dos segmentos da intelectualidade que se empenhavam na tarefa de ordenar aquilo que era visto como desordem, transformando a cidade num espaço civilizado.

Segundo argumenta Rago (2005, p. 105), a influência do poder médico construiu a própria representação da prostituição como uma doença associada ao risco da morte, pois os doutores apresentavam sua definição pessoal, altamente moralista, como sendo a verdade sobre o sexo. Visto sob este ângulo, até mesmo os abolicionistas, que questionavam o sistema regulamentarista de controle da prostituição, argumentando que não deveria haver interferência do Estado em uma esfera altamente privada, sobretudo desde 1870, no Rio de Janeiro, Bahia, e posteriormente em São Paulo, conservaram as noções preconceituosas estabelecidas sobre o corpo da prostituta e a sexualidade feminina.

No seu conjunto, o saber médico, redimensionando os aspectos morais cristãos, buscou se legitimar e se consolidar como uma nova instância de poder na sociedade, uma vez que os limites entre a normalidade e as doenças no campo da sexualidade traziam implícito um projeto de normatização higiênica do corpo, concebido não apenas num sentido físico, mas, também, num sentido moral e num sentido social.

Sob esse viés, a prostituição era analisada segundo as seguintes categorias básicas de classificação: a perversão (a doença física), a depravação (a doença moral) e o comércio do corpo (doença social).

Assim, durante a elaboração de um diagnóstico minucioso, o médico desempenha o seu papel incorporando vários personagens como, por exemplo, o cientista, o educador, o moralista, o economista, o legislador, o político (ENGEL, 1989, p. 69).

No Brasil, assim como na Europa, a prostituta era estigmatizada como a responsável pela transmissão e propagação da sífilis na sociedade, favorecendo, significativamente, a criação de dispositivos de controle policial, médico e social destas mulheres. Nessa perspectiva, foi criado no início do século XX, na cidade de Belém – PA, o Asilo das Madalenas, cujo objetivo era o tratamento compulsório de prostitutas contaminadas pela sífilis. Podemos observar que o papel do Estado não implicava apenas o controle destas mulheres, mas também a “correção” de seus comportamentos.

Gradativamente, no Brasil, e principalmente nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, surgiram diversas Associações das prostitutas com o objetivo de discutir a realidade por elas enfrentada e de se organizarem para lutar por seus direitos. Conforme podemos observar, em diversas Associações, o nome utilizado para se referir à prostituta é profissional do sexo, conquista esta decorrente de uma longa luta pelos direitos civis das prostitutas que será descrita a seguir.

Em 2002, o Ministério do Trabalho e do Emprego incluiu, sob o código nº 5198-05, na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO a categoria Profissional do Sexo³. A ocupação é definida e desempenhada por “garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo”, cuja descrição sumária é “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidade da profissão.”

Em Belo Horizonte, a prostituição está presente nas ruas Guaicurus e São Paulo, nas avenidas Afonso Pena e Pedro II, nas rodovias, na orla da Lagoa da Pampulha, em hotéis, em boates e também em outros espaços como, por exemplo, em *sites* da internet e anúncios de

³ Conforme o *site* <http://www.mtecbo.gov.br/>

jornais. Na Avenida Afonso Pena, os programas são realizados a partir das 19 horas durante todos os dias da semana e as práticas sexuais são extremamente importantes para definição do preço do programa (média de 10 programas por dia): sexo oral R\$ 20,00; penetração vaginal R\$ 30,00 no carro e R\$ 50,00 no motel.

Na seção seguinte, de natureza qualitativa, investigaremos as estratégias linguísticas que promovem a polidez negativa – conforme pressupostos teóricos de Brown e Levinson (1987) e Valério (2003) – presentes na fala das profissionais do sexo entrevistadas para a realização dessa pesquisa.

Serão demonstradas as funções e os trechos dos marcadores encontrados nas transcrições, suas relações com as estratégias conversacionais e com os tópicos abordados pelo entrevistador.

4 Análise linguística dos dados

Os dados que compõem nosso *corpus* foram coletados por meio de questionários e entrevistas com 10 profissionais do sexo; destaca-se que as entrevistadas foram escolhidas deliberadamente, sendo apenas considerado o *locus* de trabalho, a Avenida Afonso Pena. Em razão de zelarmos pelo sigilo das mulheres pesquisadas, durante todo o período de coleta de dados as participantes foram informadas dos objetivos da pesquisa, do fato de a participação ser voluntária, sem ônus para o pesquisador, e que a qualquer momento poderiam desistir da mesma. Foi solicitado que cada sujeito assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permitindo o uso dos dados para realização da pesquisa. Destarte, optamos por utilizar o código *M* associado a números de 1 a 10 para identificação das profissionais do sexo nos dados coletados e a letra *E* para o pesquisador.

A partir dos dados coletados, observamos que todas prostitutas adotam um nome de batalha e residem em Belo Horizonte - MG; possuem faixa etária de 24 a 36 anos; possuem ensino médio completo e duas são estudantes universitárias; 07 solteiras, 01 casada e 02 divorciadas;

possuem renda mensal entre R\$ 3.000 e R\$ 6.000; 05 possuem filhos, todas as mulheres residem com a família e se declararam prostitutas, sendo que uma mulher é vendedora em uma loja no turno diurno, outra vendedora de cosméticos e as duas estudantes universitárias exercem também a profissão de massagista; possuem a média de 3,3 anos de prostituição.

Em relação à polidez negativa, cuja finalidade está pautada em impedir, anular ou atenuar possíveis reações desfavoráveis às ideias emitidas pelo falante, pudemos observar o uso de estratégias linguísticas para expressar distanciamento e imprecisão, bem como rejeição/atenuação quanto ao tópico abordado. O falante pode resguardar sua face por meio de recusa do ponto de vista do enunciado, por distanciamento temporal e, também, por distanciamento emocional (VALÉRIO, 2003, p. 95-97). As estratégias linguísticas que desvelam o distanciamento por meio da recusa são locuções verbais impessoais e indeterminação do sujeito, as quais podem ser motivadas pela incerteza acerca do tópico abordado e/ou pelo desejo de não se comprometer com o que foi dito.

No excerto 01, podemos observar que a profissional do sexo, ao fazer uso do marcador *só ouvi dizer por aí*, intenta o não comprometimento para com a afirmação *tem violência* e, também, delimitar uma experiência individual por meio dos marcadores *mas* e *não*.

(01)

E: tem violência aqui?

M8: tem violência, **mas** graças a Deus nunca tive problema, **só ouvi dizer por aí, mas** comigo **não!**

Outra estratégia linguística encontrada no *corpus* foi a criação do efeito de indeterminação do sujeito lexical por meio dos vocábulos *povo, eles, elas, ninguém, todo mundo, cara(s)*. Assim, o falante minimiza sua responsabilidade acerca dos conceitos emitidos, bem como atribui valores, realiza generalizações e/ou busca a sua distinção em relação a outrem.

No exemplo a seguir, o falante, ao atribuir características e atitudes negativas acerca da prática da violência, faz uso do vocábulo *povo*, forma lexical singularizada que possui sentido generalizador (efeito de indeterminação), o que poderia propiciar a inferência de que o falante estivesse inserido no grupo daqueles que praticam a violência. Contudo, o pronome *eles* está correlacionado a um espaço/ambiente (àqueles que passam pela Avenida Afonso Pena), por meio do advérbio de lugar *aqui* – expressando-se, assim, que o falante pertence a um grupo distinto do qual está sendo referido, isto é, ocorre um efeito de indeterminação do sujeito e não da indeterminação da referência do sujeito.

(02)

E: você já sofreu algum tipo de violência?

M6: o **povo** é sacana demais cara, **eles** passam **aqui** e xingam a gente de tudo que é nome, joga uma porrada de coisa na gente de madrugada eh (+++) num respeita ninguém (+) uma vez eu levei uma ovada **aqui** na rua, **eles** são babacas demais.

No exemplo 03, o vocábulo *ninguém* indica indeterminação do sujeito, inserido em um contexto de generalização, traço essencial para o estabelecimento deste efeito por meio da relação *ninguém* = falante e clientes.

(03)

E: as prostitutas se previnem?

M5: imagino que sim (++) **ninguém** tá a fim de pegar doença não!

Podemos observar, no exemplo 04, o uso do pronome *elas* como elemento de indeterminação do sujeito, ou seja, a 3ª pessoa do plural (profissionais do sexo) figura como elemento externo à interlocução verbal, que apesar de um efeito de distanciamento, demonstra a expressão de um “eu” ampliado em *elas tão fazendo isso, elas tão fazendo isso porque estão precisando de dinheiro* e, ratificado, por meio de *eu não* (recusa) e *meu*

negócio é só o dinheiro (inserção), uma vez que o falante também pertence ao grupo de profissionais do sexo. Entretanto, em *elas fazem isso pra* (++) *elas ficam aí se prostituindo para roubar os outros, para mexer com droga*, podemos observar que o falante se exclui de um grupo específico de mulheres, o qual acredita ter um perfil negativo; distanciamento este reiterado por meio do uso do marcador conversacional *mas* para explicitação da relação safadeza, pilantragem, roubo = elas (exclusivamente outras mulheres profissionais do sexo).

(04)

E: mas você acha que quem trabalha como prostituta é piranha, vagabunda?

M1: não, tem muitas /.../ **elas** tão fazendo isso, **elas** tão fazendo isso porque estão precisando de dinheiro, **mas** tem muita mulher que tá aqui só por safadeza mesmo, **mas** tem muita mulher pilantra mesmo, **elas** fazem isso pra (++) **elas** ficam aí se prostituindo para roubar os outros, para mexer com droga, EU NÃO, meu negócio é só o dinheiro.

No trecho anterior, podemos observar a relativização da identidade social da mulher inserida na prostituição, ou seja, a criação de hierarquizações face à imagem negativa das prostitutas que teriam condutas não aceitáveis para as regras socialmente estabelecidas pelo grupo, o qual tem seus códigos e parâmetros de ética. Essa estratégia baliza-se nos pressupostos da polidez negativa, orientada principalmente para estabelecer, mesmo que parcialmente, distância social.

Quanto às estratégias linguísticas de distanciamento temporal, este efeito pode ser expresso da conjunção condicional *se*, demonstrando a necessidade do falante em se resguardar de reações desfavoráveis do ouvinte, bem como proporcionando um delineamento do tópico abordado em um campo hipotético. No excerto a seguir, a profissional do sexo relata uma situação em que o cliente estava interessado em receber práticas sexuais masoquistas, porém, ela não aceitou, porque alguns

homens contratam essa prática para que, ao terminarem o programa, ameacem chamar a polícia, sob a alegação de que foram agredidos. Com isso, a prostituta se vê forçada a desistir do pagamento pelos serviços prestados. Nesse contexto analisado, o falante faz uso da condicional para atenuar o valor da verdade das proposições veiculadas (*se eu batesse e se ele entendia*), ou seja, estas ações hipotéticas vinculam-se ao domínio da incerteza, descomprometendo o falante acerca de suas proposições e dos resultados destas, como por exemplo, o convencimento do ouvinte de que o cliente desistiu das práticas masoquistas: *até que ele pediu para ficar batendo só na beirada da cama*.

(05)

... aí ele pediu pra socar o salto no saco dele até ficar roxo ((risos))
aí eu pensei esse negócio vai dar problema eu vou ser presa aqui
aí eu fiquei falando com ele que **se eu batesse** ele ia ficar com
problema(+) falei pra ver **se ele entendia** até que ele pediu para
ficar batendo só na beirada da cama (risos) aí a gente tem que
pensar bem porque o cara depois pode sacanear e falar com a
polícia que eu bati nele, aí acham que a gente é mentirosa, porque
quando eu falo um negócio desse ninguém acredita, a imaginação
humana é muito doida (++) o cara morreu de tesão! Nem precisou
transar, só de bater o salto na cama ele ficou doido!

Outra estratégia linguística relacionada a distanciamento refere-se ao uso de marcadores que prefaciam opiniões, sinalizando a avaliação que o falante faz do tópico discursivo abordado. A opinião, enquanto modalidade, está inserida em atos elocutivos que permitem ao locutor situar sua proposta em relação a si mesmo, o que revela a sua própria posição quanto ao que diz, exprime o lugar que o propósito do enunciado ocupa no universo de crenças do sujeito falante e, também, a atitude intelectual. Desta feita, se estabelece uma lógica que salienta um julgamento hipotético que se pronuncia a favor ou contra os fatos do mundo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 353).

De acordo com Galembeck (1997), os marcadores de opinião associados a hesitações expressam incerteza, imprecisão, falta de convicção. No trecho a seguir, observa-se que a associação entre os marcadores *ah* (sinalizador de hesitação), *eu acho* (opinião) e a segunda demarcação do viés pessoal de sua assertiva por meio de *eu sempre ganhei bem* revelam um caráter não genérico do tópico discursivo abordado. Ademais, o marcador *mas*, como prefaciador de *tem uma coisa que é interessante* (homens velhos gostam de mulheres novas e homens novos gostam de mulheres velhas), sinaliza a atenuação da expressão do ego do falante acerca do autoelogio apresentado anteriormente, favorecendo o estabelecimento de uma estratégia linguística orientada para a polidez negativa.

(06)

E: a idade é importante pra trabalhar como prostituta?

M2: **ah eu acho** que não! eu sempre ganhei bem ((risos)) *mas* tem uma coisa que é interessante, os homens mais velhos adoram as prostitutas mais novas, mas os rapazes mais novos adoram as mulheres mais velhas ((risos)) é o oposto, uma troca (++) os novos querem experiência, já os velhos querem é ensinar.

De acordo com Valério (2003, p. 99), outra forma de limitar o comprometimento do falante com o seu enunciado e, assim resguardar-se de críticas, é por meio da criação de um efeito de imprecisão, isto é, enunciados imprecisos perpassam a ausência de convicção do falante sobre suas palavras, as quais podem ser questionadas, com danos minorados à sua face negativa. Esse efeito está relacionado à limitação do grau de verdade do enunciado e/ou de pertinência de elementos do conteúdo proposicional. Entre as estratégias linguísticas abordadas pela autora supracitada, como forma de limitação do comprometimento, destacam-se o uso dos marcadores que sinalizam aparências, grau de possibilidade, conhecimento do falante, domínio, período de tempo e determinação de categoria.

Em relação às estratégias que sinalizam aparências, foi encontrado em nosso *corpus* o marcador *parece*, que apesar de trazer implicitamente a ideia de apreciação e julgamento, sinaliza que o valor da verdade do tópico discursivo a ser introduzido pode não ser sustentado diante de um exame mais criterioso dos fatos abordados; situação esta ilustrada pelo exemplo que se segue.

(07)

E: e quanto você ganha aqui por dia?

M1: tem dia que eu ganho só 200 reais só, **parece** que quanto mais tarde vai ficando aqui o trem vai melhorando, os homens vão passando e vai procurando a gente, teve um dia que eu entrei dentro do carro de manhã, o cara mandou eu chupar, eu falei que sem camisinha não, o cara mandou eu descer do carro e eu tive que descer tudo a pé {ela teve que descer do final da Avenida Afonso Pena até a esquina do Corpo de Bombeiros}, NOSSA A GENTE SOFRE DEMAIS!

O uso de *talvez*, *é possível*, *possivelmente* e, em alguns casos, do modal *poder*, limitam a veracidade da proposição a um determinado grau de possibilidade (VALÉRIO, 2003, p. 101). Ao serem questionadas se contariam que são prostitutas a seus filhos (exemplos 08 e 09), as profissionais do sexo, por meio do uso dos marcadores *talvez* e *quem sabe*, assinalam claramente uma atitude de dúvida ou incerteza, permitindo-lhes que não se vejam tão comprometidas com os juízos emitidos.

(08)

E: você vai contar pra ele um dia?

M1: ah num sei não, **talvez**, mas eu tenho vergonha, tenho vergonha do que eu faço, porque eu faço isso, dá vergonha na gente né?

(09)

E: seu filho sabe que você é prostituta?

M5: ele tem só 5 anos, num entende dessas coisas e num sei se vou contar quando ele entender (+++) é difícil né moço, imagina que choque pra ele saber que a mãe deita com tudo qui é homem por aí (++) num sei se vou contar (+) **quem sabe** até ele crescer eu posso até ter parado, né?

Dentre as estratégias linguísticas que denotam a limitação da verdade da proposição a um período de tempo, ressalta-se, em nossos dados coletados, a utilização dos MCs temporais *ainda*, *hoje*, *hoje em dia*, *antes*, *antigamente*. O marcador *ainda*, nos exemplos a seguir, expressa que as declarações dadas pelas prostitutas em relação aos questionamentos do pesquisador pautam-se em ações que não aconteceram até o presente momento, mas que poderão acontecer no futuro. Assim, a verdade da proposição é limitada ao período de tempo presente, ou seja, em cada um dos trechos analisados, podemos inferir que o falante realizará ou não as seguintes ações: irá ao médico, declarará a sua profissão junto ao governo, poderá ser agredido por um cliente, e se casará, respectivamente. Em suma, observa-se a expressão de um caráter dúbio em relação ao futuro, porém verdadeiro em relação ao presente.

(10)

E: e você vai ao médico, faz exames?

M1: todo ano eu vou ao ginecologista, só que esse ano eu **ainda** não fui não

(11)

E: uhum eh você tem uma profissão declarada?

M2: esta já é uma profissão de trabalho!

E: sim, eu sei, mas eh a declarada pro governo?

M2: **ainda** não (+) é uma complementação de renda, pra pagar cursos, coisas de casa, pra mim viver, podê viajar, podê comprar as coisas que eu gosto

Os marcadores *antes*, *antigamente*, *hoje em dia* e *hoje* também estabelecem a relação de que a proposição está limitada a possibilidades de interpretação circunscritas em uma instância temporal do presente, mesmo que haja um efeito de deslocamento temporal entre passado e presente.

(12)

E: e você atende mulher?

M2: **antigamente** num tinha não, **hoje** tá tendo um monte de casal, tá aumentando muito, mas a maioria é pra eu transar com o marido delas, mas tem que ter cuidado (+) às vezes tem muita mulher que é ciumenta, ela acompanha eh aquela coisa às vezes ela num tá muito preparada eh porque casal é meio complicadim

(13)

E: e você se apaixonou por algum cliente?

M5: já! **antes** de conhecer meu marido, mas **hoje** tô casada e amo ele

(14)

E: você usa camisinha nos programas?

M6: claro né! eu só faço programa com camisinha, até pra chupar o cara eu só chupo com a borracha, **hoje em dia** num dá pra brincar com isso não (+) tem muita gente doente que num preocupa com os outros, acha que a gente transa de qualquer jeito (++) isso num é verdade não, a gente se cuida, até porque a gente também tem família no mundo pra criar, tem que cuidar da gente mesmo

O falante algumas vezes intenta minimizar o seu comprometimento com o enunciado, contudo a sua responsabilidade sobre sua fala não é minimizada, mas a importância que deve ser atribuída aos conceitos por ele emitidos. Nas entrevistas transcritas foram encontrados os marcadores *às vezes*, *geralmente* expressando função de atenuação, por intermédio da minimização da frequência com a qual a proposição acontece.

(15)

E: qual a diferença de trabalhar na rua, na boate, num hotel?

M5: é tudo ruim, mas na boate é pior (++) na rua a gente tem mais liberdade (+) boate cê fica ali e **às vezes** é obrigada a fazer mais programa que cê quer

(16)

E: por que os caras procuram você?

M4: uai, pra fazer o que **geralmente** não faz com a esposa ou com a namorada

5 Considerações finais

A análise dos dados apresentada neste artigo foi realizada sob a perspectiva da interação verbal face a face e, nesta abordagem, além dos aspectos linguísticos, intentamos considerar o contexto social, histórico e cultural em que a fala é produzida, pois fatores de ordem cultural, social, pessoal, situacional e emocional estão diretamente ligados à construção de atividades de fala, que acontecem sempre em situações sociais e interacionais. Em relação às estratégias linguísticas, buscou-se analisar quais elementos contribuíram para a promoção da polidez negativa e a relação estabelecida entre estes para com o estilo interativo dessas mulheres, isto é, como a fala, o *modus vivendi*, e as visões que possuem acerca de si se relacionam funcionalmente.

As estratégias de polidez negativa se pautaram em aspectos de distanciamento, imprecisão e minimização dos tópicos discursivos presentes nas falas das profissionais do sexo. O distanciamento foi evidenciado por meio de estratégias linguísticas de indeterminação do sujeito (recusa de ponto de vista do enunciado) e, de maneira semelhante, com o uso de condicionais (temporal) e marcadores de opinião (emocional) que sinalizam aparências, grau de possibilidade, conhecimento do falante, domínio e limitação do grau de verdade.

No conjunto dos elementos que as prostitutas buscaram agregar a si e, também, se desvencilhar, observamos que o corpo, de certa forma,

conjuga algumas características da vida particular e da vida profissional, que há diversos delimitadores simbólicos nas relações estabelecidas para com os parceiros afetivos e os clientes, que fatores geográficos são favoráveis ou não para o exercício da prostituição (independência, agressões físicas e verbais etc.), que apesar de manterem relações sexuais com outros homens mantêm relações monogâmicas (distinção entre afeto e trabalho) e, por fim, que apesar de não possuírem direitos trabalhistas, veem-se como mulheres que exercem o trabalho de profissional do sexo.

REFERÊNCIAS

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHARAUDEAU, P., MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v. 31, p.931-952, 1999.

GALEMBECK, P. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, D. (Org.) **O Discurso Oral Culto**. São Paulo: Publicações FFLCH/USP, 1997.

GOFFMAN, E. **Interactional ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Anchor Press, 1967.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

RAGO, Margareth. Amores Lícitos e Ilícitos na Modernidade Paulistana ou no Bordel de Madame Pommery. In: MISKOLCI, Richard. (Org.) Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, n. 47, p. 93-118, 2005.

VALÉRIO, K. M. **Dinâmicas interativas no discurso da mulher: o papel da inserção social.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CBO-Classificação Brasileira de Ocupações. 5198-05: profissional do sexo. Disponível em: <<http://www.mtecho.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 01 jan. 2013.

Recebido em dezembro de 2013.

Aceito em setembro de 2014.

SOBRE O AUTOR

Gilmar Bueno Santos é Mestre em Linguística e Doutor em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente realiza Estágio de Residência Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

E-mail: bueno_gilmar@hotmail.com